



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Lima Barreto
Os Negros



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Os Negros

Lima Barreto

Projeto gráfico

Iba Mendes

In: "Histórias e sonhos", 1920.

Livro Digital nº 940 - 1ª Edição - São Paulo, 2018.

Teatro - Literatura Brasileira.

Afonso Henriques de Lima Barreto
(1881-1922)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

OS NEGROS

ESBOÇO DE UMA PEÇA



Segundo, ou antes, trilhando
Maurice Maeterlinck.

..... a dor poreja,
Quando o chicote do simum dardeja
O teu braço eternal.
Castro Alves

Aos irmãos João, Antônio e Carlos Noronha dos Santos.
O. D. e C.
O Autor.

PERSONAGENS:

UM VELHO NEGRO

PRIMEIRO NEGRO

SEGUNDO NEGRO

TERCEIRO NEGRO

UMA NEGRA COM UM FILHO AO COLO

OUTRA NEGRA MAIS MOÇA

CENA NOS TEMPOS DA ESCRAVIDÃO

No recanto de um penhasco abrupto, aberto como uma concha de mão, para o mar infinito, acorados e sentados, há um grupo de negros. Quase todos olham o augusto mar translúcido, cujas vagas alçam-se em curvas voluptuosas e quebram-se na praia, espadanando em espuma clara. A sucessão das ondas acaba por parecer uma única, enorme, contínua, a se transbordar da direita para a esquerda, beijando a areia e fazendo tilintar os seixos e as conchas. À esquerda e à direita, pontas de rocha negra, requeimada e nua de vegetação, avançam para o mar, caindo a prumo sobre as águas, interrompendo a praia durante muitos metros e fechando o

caminho para os lados. Às costas, o forte declive do penhasco chapa-se repentinamente; e, embaixo, à flor do solo, na anfractuosidade do monolito, abre-se uma cavidade escura, vagamente perceptível por entre as frinchas das árvores que a tampam.

Ergue-se a penedia, alta, escarpada, balizada de coqueiros; e, como um traço de giz, ondula por ela acima, cheio de precipícios e perigos, um estreito caminho vigiado de um e outro lado pela Morte. Um Negro Velho, barbado, de barbas brancas, tendo o lanhudo cabelo branco emaranhado como algodão em pasta, está sentado sobre um pedaço de rocha. De quando em quando, levanta o olhar para a linha distante onde o mar se confunde com o céu num esbatido de flocos de nuvens. Mal se lhe sente viver. Os olhos estão parados nas órbitas; não há neles nem amor, nem ódio, nem esperança, nem temor. Movendo-os, fica rígido; é como se fosse uma tosca escultura talhada na adusta rocha em que se senta.

Os negros estão ao seu lado, de um e outro, e, rasando com o olhar a praia, olham enigmaticamente o mar. Uma negra tem o filhinho ao colo, dormindo. Os traços grosseiros da criança, no sono, se adelgaçam, afinam-se e acabam por emanar a misteriosa beleza da ingenuidade, da inocência.

Ao mugir das vagas, ao tilintar dos seixos na praia, juntam-se o frêmito da floresta e o pio nostálgico das aves. No silêncio, tudo é ruído confuso, ininteligível; e, de longe em longe, um canto estrídulo rebenta como marcos naquela triste viagem pelo Sonho. Os anuns pintalgam de negro, esvoaçando, o costão verde da penedia. Já não se vê mais o sol; sumiu-se de há muito por detrás do alto penedo.

É boca da noite. Em breve ela cai seguida de segunda cúpula negra de tempestade, que se ergue vagamente dos cumes garfados do Norte.

PRIMEIRO NEGRO

Não há mais mariscos; a areia está vazia.

SEGUNDO NEGRO

A areia está vazia! E a rocha, não tem ostras?

PRIMEIRO NEGRO

A rocha não tem mais nada. (*Silêncio*) Eles virão?

TERCEIRO NEGRO

Virão, sim. Custarão; procurarão aqui, ali, e hão de nos achar.

NEGRA VELHA

Estamos muito longe da fazenda?

SEGUNDO NEGRO

Muito, pois quase andamos quatro dias pelos matos.

(*A brisa começa a soprar*)

NEGRA MOÇA

Quantos espinhos há pelo mato! E os cipós? Não dávamos dez passos que não caíssemos. Andávamos como numa casa às escuras... A todo instante batíamos nas paredes... E as cobras! Pisei numa jararaca, parecia gelo... Era fria, macia... Foi Deus que me salvou. De noite, havia fogo, luzes, sombras no mato. Experimentávamos as árvores, descansávamos. Pássaros chamejantes passavam junto a nós...

NEGRO VELHO

As cobras são boas. Só mordem a quem as persegue. Sei falar com as cobras. E os pássaros acendem fogo para nos ensinar o caminho.

(*Silêncio*)

PRIMEIRO NEGRO

Se uma cobra aparecesse, tínhamos o que comer hoje.

NEGRA VELHA

Antes morrer de fome. Veneno de cobra mata a gente num abrir e fechar de olhos...

NEGRO VELHO

Veneno de cobra cura-se.

TERCEIRO NEGRO

Toda carne é boa de comer, desde que se tenha fome...

NEGRO VELHO

Toda carne é boa de comer... Toda carne é boa, é boa de comer...

(A brisa mais forte faz redemoinhar em torno deles folhas secas. As embaúbas inclinam-se e estalam. O céu começa a turvar-se. Grandes nuvens negras galopam, rolam e a lua, temerosa em aparecer, filtra-se através dos novelos negros com mágoa e raiva)

PRIMEIRO NEGRO

Passa um navio; lá, ao longe. Como corre! Parece uma porção de patos juntos, ligados, unidos um ao outro.

TERCEIRO NEGRO

Os navios, que não nos vejam eles... Quando vim, da minha terra, dentro deles... Que coisa! Era escuro, molhado... Estava solto e parecia que vinha amarrado pelo pescoço. Melhor vale a fazenda...

SEGUNDO NEGRO

É longe a tua terra? Lá só há negro?

TERCEIRO NEGRO

Não sei... Não sei... Era pequeno. Andei uma porção de dias. As pernas doíam-me, os braços, o corpo, e carregavam muito peso. Se queria descanso, lá vinham uns homens com chicotes. Vínhamos muitos, de vários lugares. Cada qual falava uma língua. Não nos entendíamos. Todo o dia, morriam dois, quatro; e os urubus acompanhavam-nos sempre. — Minha terra... Não sei... Era perto de um rio, muito largo, como o mar, mas roncava mais... Sim! Tudo era negro lá... Um dia, houve um grande estrépito, barulho, tiros e quando dei acordo de mim estava atado, amarrado e... marchei... Não sei... Não sei...

(Tudo agora é escuro. As nuvens fecharam-se. O luar não as pôde mais atravessar).

NEGRA VELHA

E eu não sei nada mais donde vim. Foi dos ares ou do inferno? Não me lembro... Do que me lembro, foi do desembarque. Havia muito mar. Fomos para o barracão. Davam-nos uma gamela e nela comíamos todos, ao mesmo tempo. Depois, vieram homens. Escolheram dentre nós alguns. Experimentavam os dentes, os braços, faziam abrir as pernas, examinavam a nós, com cuidado; e, ao fim, andávamos por muitas terras. Eu fui comprada pelo coronel.

(Silêncio)

SEGUNDO NEGRO

O coronel não é mau; mas o feitor... Que homem! Tem o coração de pedra. Um dia me pôs no tronco... Eu respondi-lhe mal... Ele me deu uma ordem, eu não cumpri... Fiquei dois dias no tronco, a pão e água. No fim, parecia que não tinha mais pernas. Elas estavam tão dormidas, esquecidas! Quando me levantei, cambaleei... Caí...

PRIMEIRO NEGRO

O tronco... O tronco...

NEGRO VELHO

O tronco faz a gente sonhar.

(As nuvens fecham-se cada vez mais. A atmosfera pesa. Está como que saturada pela fumaça de um milhão de forjas)

NEGRA MOÇA

O tempo muda... Se ao menos chovessem gafanhotos...

TERCEIRO NEGRO

Gafanhotos! Bolas! Vamos subir o morro. Deve haver caça.

NEGRA VELHA

Eles podem estar lá. Ontem, ouvi um cão latir daqueles lados. Esperemos. (*As nuvens se acumulam em torno da cabeça do penhasco*) Amanhã, depois...

PRIMEIRO NEGRO

Esperemos. (*Levantando-se, olha o mar coberto de negrume. As ondas altas, negras, debruam-se de fosforescências, quebrando a praia. Volta-se; olha o penhasco. Pequenas línguas de fogo, a meia encosta, sobem e descem, ocultam-se e surgem de novo. Brillham com um brilho azulado, lívido; uma maior ergue-se. A escuridão povoa-se. Há cavalos enormes, de vinte pés, homens de decâmetros*) Almas! Almas do outro mundo! (*Senta-se*)

TERCEIRO NEGRO

Lá... Lá... (*Silêncio*) Descem...

SEGUNDO NEGRO

São demônios... Perseguem-nos... Fugamos.

NEGRA MOÇA

Na fazenda havia desse fogo; e nunca fugimos.

NEGRA VELHA

O morro vai cair... (*A escuridão envolve o penhasco, faz corpo com ele e agitação, que o vento, já forte, leva às nuvens e às árvores, parecendo abalar a imensa penedia*) Vamos para a praia... Vamos... (*Todos se levantam*).

(*O negro velho indiferente, vai ao centro do grupo. Marcha empurrado pelos outros. O vento agita-lhes as roupas esfrangalhadas. À borda do mar, quase roçando a marca das vagas, sentam-se na areia. O negro é intenso. Nada se vê*).

CRIANÇA

Mamãe... Mamãe... As portas estão fechadas?

NEGRA VELHA

Sim, meu filho... Estão todas...

CRIANÇA

E as janelas também, mamãe?

NEGRA VELHA

Sim, meu filho... Estão todas...

CRIANÇA

Como é que o vento entra, mamãe?

NEGRO VELHO

Os ventos entram pelas portas e janelas fechadas...

SEGUNDO NEGRO

Um bote... Um barco...

TERCEIRO NEGRO

Um barco... Um bote...

PRIMEIRO NEGRO

Sinhô-moço contava que não sei que santo salvou-se engolido por uma baleia, que depois deixou-o numa praia.

NEGRA MOÇA

Era um, um só...

TERCEIRO NEGRO

É um peixe muito grande.

SEGUNDO NEGRO

A boca é do tamanho de uma casa.

PRIMEIRO NEGRO

Podia levar a todos nós pra longe.

NEGRA VELHA

Podia... Podia...

TERCEIRO NEGRO

Olhem! E vem!

(Pelo alto-mar, passam formas vagas. Grandes barcos, monstruosos peixes espadanam à tona)

PRIMEIRO NEGRO

Onde? Ali? E vem...

NEGRA VELHA

Ê vem... Ali... Ali... Ali...

SEGUNDO NEGRO

Caberá a todos nós...

NEGRA VELHA

Todos nós. *(Olha)* Nada... Nada... Foi-se...

(O mar começa a subir. A maré aos poucos vai fazendo caminhar pela praia acima. Já tocam a orla da vegetação e olham o mar em frente, cravando o olhar desesperadamente. De repente, abre-se um relâmpago. Um ronco fortíssimo segue-se)

TODOS *(exceto o velho)*

Santa Bárbara! São Jerônimo! *(Persignam-se)*

CRIANÇA *(despertando)*

Mamãe, por que não deixa a candeia acesa?

(Silêncio)

PRIMEIRO NEGRO

Já chove...

(Grossos bagos de chuva caem espaçados. Caem como se fossem pedrinhas atiradas pelos garotos).

CRIANÇA

O teto está furado, mamãe? Chove dentro de casa...

NEGRO VELHO

Na nossa casa, sempre chove.

(Silêncio)

PRIMEIRO NEGRO

Há passos, parece uma tropa em marcha... Espocam tiros...

TERCEIRO NEGRO

Lá vem muita gente... Não ouvem como as folhas choram? Elas estão sendo esmagadas, coitadinhas!

NEGRA MOÇA

São tantos! Tantos! Que barulho! Mas vem longe!...

PRIMEIRO NEGRO

Não tardam... Não tardam...

TERCEIRO NEGRO

Não custarão... E vêm! E vêm!

SEGUNDO NEGRO

Por onde passará tanta gente? Não há caminho.

NEGRA VELHA

Descem. É como se fossem bagos de café, a cair numa lata de folha.

CRIANÇA

Mamãe, mamãe... Que barulho é esse?

NEGRA VELHA

Não sei... É a chuva...

PRIMEIRO NEGRO

Tio! Tio! Que é isso?

(O negro velho caiu. A criança chora, chora muito)

SEGUNDO NEGRO

Tio! Tio!

TERCEIRO NEGRO

Que é isso, tio, tio?

NEGRA MOÇA

Ele morre, ele morre... *(Silêncio)* Tio, tio...

(A criança chora cada vez mais).

NEGRA VELHA

Tragam água... Ele morre... Tio... Tio...

(A criança chora. E, durante uma pausa, ouve-se um tiro próximo)

Laus Deo!



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com